

2. A memória, o esquecimento e a criação da verdade no jovem Nietzsche.

Neste primeiro capítulo foi feita uma análise de alguns dos primeiros textos de Nietzsche, utilizou-se, principalmente, um texto de 1873 intitulado *Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral*. Iniciar o estudo de Nietzsche com este texto é importante, pois dá ao leitor uma base para os textos posteriores do filósofo. Nele, o autor assume uma postura demolidora das ordinárias concepções que o homem tem de si e do mundo que o cerca. O texto inicia-se com uma fábula que situa o conhecimento e o homem dentro da natureza:

Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem-número de sistemas solares havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da “história universal”, mas também foi somente um minuto. Passados poucos fôlegos da natureza congelou-se o astro, e os animais inteligentes tiveram de morrer^{1 2}.

Com esta fábula³, Nietzsche expõe muito bem qual seria o lugar do conhecimento dentro do mundo: praticamente um nada, insignificante; desta forma o autor ressalta que conhecer não passa de uma invenção humana, onde a natureza não tem nenhum vínculo com o que é conhecido, logo, com ou sem o conhecimento o mundo existiria sem problemas, pois o conhecimento não passaria de um minuto passageiro dentro da existência infinita do universo.

Segundo Nietzsche, só é possível ao homem conhecer a partir do intelecto. Porém o intelecto não é nenhuma dádiva divina dada ao ser humano, pelo

¹ Nietzsche, *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, p.53.

²Foucault (1999) em *A liberdade das formas jurídicas* comenta sobre essa passagem: “(...) Considerarei inicialmente e de bom grado, a insolência, a desenvoltura de Nietzsche ao dizer que o conhecimento foi inventado sobre um astro em determinado momento. Falo de insolência, nesse texto de Nietzsche, porque não podemos esquecer que em 1873 estamos em pleno kantismo, pelo menos, neo-kantismo. E a idéia de que o tempo e o espaço pode preexistir ao conhecimento, a idéia de que tempo e espaço não são formas do conhecimento, mas pelo contrário, espécie de rochas primitivas sobre as quais o conhecimento vem se fixar, é para a época absolutamente inadmissível.” (p.14)

³ Em *Cinco prefácios para cinco livros não escritos* (em “sobre o pathos da verdade”), Nietzsche reescreve esta fábula e acrescenta: “Foi bem a tempo: pois, se eles vangloriam-se por terem conhecido muito, concluiriam por fim, para sua grande decepção, que todos os seus conhecimentos eram falsos; morreram e regeneraram, ao morrer, a verdade. Este foi o modo de ser de tais animais desesperados que tinham inventado o conhecimento”. Foucault (1999) em *A Liberdade das formas jurídicas* irá comentar sobre essa passagem.

contrário, o intelecto não passa de um “órgão”, que tem como função apenas auxiliar os mais delicados e infelizes seres da natureza. Portanto a força na qual o sujeito apoia-se para conservar-se e sobreviver no mundo origina-se deste órgão: o intelecto. Uma flor, por exemplo, protege-se com seus espinhos, já uma fera com suas garras. No homem o intelecto é então um substituto de “chifres ou dentes afiados”, (...) “o intelecto é esse excesso” que o homem tem que desenvolver para poder sobreviver, de outra forma a espécie humana nem teria existido sequer como uma espécie no mundo.

A grande arma do intelecto frente às outras espécies é a dissimulação, porém não é somente o homem o único animal que dissimula na natureza, o camaleão, por exemplo, também o faz. Contudo, o ser humano será o único animal que levará ao extremo tal característica. No homem a dissimulação atinge o seu auge no momento em que estes passam a se reunir para sobreviver; pois que fique bem claro; a espécie humana sobreviveu dentro da natureza por causa do intelecto e também, porque os homens passaram a se unir uns aos outros, formando grupos, a fim de enfrentar os perigos naturais do mundo. Um homem solitário não conseguiria sobreviver sozinho. Nietzsche afirma então uma necessidade de sociedade para a sobrevivência do indivíduo e será somente através destes grupos de homens que o intelecto poderá dissimular, sendo assim, é no meio social que o intelecto exerce a sua função de fingir. Será através da dissimulação, da ilusão, do fingimento, que o homem chegará a estabelecer o que ele entende como verdade. Chegamos aqui na problemática central do texto de 1873: como o homem através da dissimulação (que nós entendemos como algo “não verdadeiro”) pôde chegar à verdade?

(...) no homem esta arte da dissimulação atinge o seu ponto mais alto; nele a ilusão, a lisonja, a mentira e a fraude, o falar nas costas dos outros, o representar, o viver no brilho emprestado, o usar uma máscara, a convenção que oculta, o jogo de cena diante dos outros e de si próprio, numa palavra o esvoçar constante em torno dessa única chama a vaidade, são de modo a regra e a lei que não há nada mais inconcebível do que o aparecimento de um honesto e puro impulso para a verdade⁴.

O intelecto, por ter sua função original na dissimulação, engana o próprio ser humano que o supervaloriza, em detrimento de coisas mais importantes como a

⁴ Nietzsche, *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, p.54.

vida. Por ter orgulho de sua racionalidade, o homem se sente superior aos outros animais e por este motivo, ele percebe-se como o centro do universo. O ser humano passa a encarar o seu conhecimento acerca do mundo e dele próprio “(...) tão pateticamente como se fosse o eixo à volta do qual gira o mundo⁵”, porém se este pudesse conversar com uma mosca “(...) perceberíamos então que também ela bóia no ar com esse *pathos* e sente em si o centro voante deste mundo”⁶. Nietzsche observa que esta vaidade do homem de se achar superior aos outros animais por causa de sua racionalidade não passa de ilusão. O ser humano ao agir de tal forma, se iguala a qualquer outro animal que também percebe o mundo como se este girasse em torno dele. Portanto, o sujeito se engana sobre o valor das coisas e da sua existência, pois o seu orgulho e a sua vaidade o fazem acreditar, que seu conhecimento e sua razão, é tudo o que existe de mais verdadeiro e importante no mundo. O filósofo, neste caso, seria o mais vaidoso dos homens, pois “(...) pensa ver por todos os lados os olhos do universo telescopicamente em mira sobre seu agir e pensar”⁷, para Nietzsche é absurdo que o próprio intelecto reconheça a sua força e o seu valor.

É quase cômico ver os filósofos exigirem que a filosofia comece necessariamente por uma crítica da faculdade de conhecer: não é inverossímil demais que o órgão do conhecimento possa se ‘criticar’ a si próprio quando nos tornamos desconfiados com relação aos resultados anteriores do conhecimento? A redução da filosofia à ‘vontade de uma teoria do conhecimento’ é cômica. Como se pudéssemos assim ter certeza!⁸

O intelecto tem o efeito específico da dissimulação e sendo assim sua função original é produzir disfarce, máscara, mentira; a fim de compensar uma falta de força do sujeito ao se deparar com o mundo. Para Nietzsche é um grande equívoco a supervalorização do conhecimento, pois este também não passa de uma mentira, já que ele é produto do intelecto, desta forma, o filósofo indaga:

O que sabe o homem propriamente sobre de si mesmo! Sim, seria ele se quer capaz de alguma vez perceber-se completamente, como se estivesse em uma vitrina iluminada! Não lhe cala a natureza quase tudo, mesmo sobre o seu corpo, para a parte das circunvoluções dos intestinos, do fluxo rápido das correntes

⁵ Nietzsche, *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, p.53.

⁶ Ibid, p. 53.

⁷ Ibid., p. 53.

⁸ Nietzsche, 1885 apud MACHADO,1999.

sanguíneas e das intrincadas vibrações das fibras, exilado e trancado em uma consciência orgulhosa e charlatã!⁹.

O conhecimento é produzido e inventado pelo homem com a finalidade de confortá-lo, dando-lhe estabilidade com relação ao mundo. Uma lei da natureza, por exemplo, nunca é descoberta, mas sim inventada, produzida e depois esquecida de sua invenção, se tornando assim, uma verdade. Portanto o critério de verdade não é a evidência e a certeza, ou seja; o esquecimento e a suposição são os que possibilitam a crença na exatidão do conhecimento. Assim como a verdade, a mentira também é uma invenção, com a diferença de que algo para se tornar verdadeiro tem que ser esquecido de sua invenção e de sua dissimulação, o que não ocorre com a mentira:

Por que é que, na maior parte das vezes, os homens na vida cotidiana dizem a verdade? Certamente não porque um deus proibiu mentir. Mas sim, em primeiro lugar, porque é mais cômodo, pois a mentira exige invenção, dissimulação e memória. (...) Em seguida, porque, em circunstâncias simples, é vantajoso dizer corretamente: quero isto, fiz aquilo, e outras coisas parecidas; portanto, porque a via da obrigação e da autoridade é mais segura do que a do ardil.¹⁰

O sentimento de verdade nasce desse fundo de mentira, sendo que esta não se apresenta como um estado de natureza do homem, mas sim como um estado de sociedade, ou seja: o ser humano a princípio instaura a verdade no mundo para tentar fazer desaparecer a guerra de todos contra todos (que é um estado natural), instaurando a paz. A partir de então este passa a fixar leis que instituirão a oposição entre verdade e mentira. O homem esquece que produziu tais verdades, e passa agora a vê-las como adequação do intelecto à realidade, mas para Nietzsche não pode existir nada mais equivocado do que a transformação dos fenômenos psíquicos nos dois lados da moeda, isto é: a consciência não pode explicar o seu próprio mundo interior como também o mundo exterior a ela. Contudo a sociedade passa a discriminar o mentiroso, pois aquele que mente utiliza-se da palavra para designar coisas “irreais no mundo real”. A verdade desta forma não passa de uma convenção, imposta por um grupo de pessoas com o objetivo de tornar possível a vida social. Apesar de ser uma ficção, “ser verdadeiro” torna-se necessário ao sujeito em suas relações com os outros membros da sociedade.

⁹ Nietzsche, *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, p. 54.

¹⁰ Nietzsche, *Humano demasiado humano*, aforismo 54.

Nietzsche faz uma abordagem psicológica do problema do conhecimento, pois segundo o autor conhecer será simplesmente reconhecer algo na consciência. O conhecimento será desta maneira, uma forma de defesa do homem frente ao resto do mundo, pois com o conhecimento o ser humano acredita possuir a verdade das coisas e passa a sentir-se seguro em relação à natureza. Esse sentimento em relação ao conhecimento advirá do medo do homem frente ao que é desconhecido pela consciência, ou seja, ao que lhe é inconsciente. O intelecto é assim, o refúgio do ser humano, portanto o sujeito ao procurar “a verdade em si” está buscando uma compreensão do mundo através de um sentido antropomórfico, conseguindo, no melhor dos casos, o sentimento de assimilação do que lhe é exterior e estranho.

O sujeito encontra-se preso nas paredes do conhecimento construídas pelo intelecto; a estabilidade é o que faz o homem sentir-se seguro no mundo. Desta maneira o intelecto não gosta de nada de novo que o inquiete, pois tudo o que é novo, é desconhecido e causa instabilidade, ameaçando o valor da existência humana. Para não perder sua segurança, o homem prontamente conecta uma coisa que lhe é estranha a algo que ele conhece ou pelo menos lhe é familiar, pois compreender é expressar qualquer coisa novamente, isto é; a compreensão é uma repetição de algo já conhecido. Portanto o conhecimento é uma espécie de segurança conquistada para o sujeito, pois sua estabilidade faz este crer na razão. É a partir de tal crença que pode ser instaurada a paz na sociedade

Para Nietzsche, a procura de causas para as coisas que o sujeito estabelece, é uma tentativa de buscar uma razão para tudo, ou seja; para o ser humano não bastam os efeitos das ações, os atos só são admitidos quando se obtêm um “porquê” destes; “uma causa para aquele efeito” é só desta maneira que existe a consciência. Sendo assim, o instinto de causa advém do sentimento de medo que reside no homem, por este temer o desconhecido, o novo, o imprevisto, isto é; o ser humano só quer o que já foi vivido, portanto só deseja o que se encontra na memória (deseja reconhecer). O conhecimento adequou desta maneira a natureza a ele próprio, onde conhecer seria apenas reconhecer algo no interior do intelecto; assim o homem pensa que pode explicar a “realidade”. Porém esta realidade conhecida, para Nietzsche, não passa do retorno contínuo de coisas semelhantes, o que torna mais difícil para o sujeito reconhecer como sendo um problema o que

lhe aparece habitualmente¹¹, assim o hábito faz com o homem desconheça o fato como um enigma sem resposta certa. Portanto, aquele que consegue pensar para além de si próprio, para o autor, é uma exceção (vale ressaltar que mesmo este homem, não pode ter uma visão global de tudo, pois ele também se engana), tal sujeito tem a capacidade de perceber o jogo paradoxal que existe em conhecer. Assim o conhecimento é tanto uma adequação do que os sentidos capturam do que vem de fora, como também o próprio sujeito de conhecimento é uma transformação histórica, uma reprodução do que é exterior a sua subjetividade. Portanto o conhecimento é um jogo entre as modificações que homem faz no mundo e as modificações que o mundo faz nele, ou seja; o sujeito está sempre afetando a mundo si mesmo e sendo afetado pelo ambiente que o cerca.

Para Nietzsche, o conhecimento não faz parte da natureza do homem, ou seja; o ato de conhecer não está ligado às “faculdades humanas” que interpretariam a realidade, o conhecimento não é intrínseco ao homem, mas sim uma tensão entre afetos do sujeito com o mundo, com o corpo, com a imaginação,..., sendo assim: “não existe instinto do conhecimento e da verdade, mas apenas o instinto de crença na verdade; o conhecimento puro é destituído de instinto¹²”. Quando Nietzsche afirma não haver instinto de conhecimento, ele quer salientar que não se deve definir o homem pelo conhecimento ou ter no conhecimento o valor principal porque os instintos são mais fundamentais do que o conhecimento¹³. Como já foi mencionado, o conhecimento só se desenvolveu porque foi útil para a sobrevivência do homem dentro da natureza, que pôde com este criar as relações sociais, como afirma o autor:

Análise da crença na verdade: pois toda posse da verdade é, no fundo apenas uma convicção de possuir a verdade. A fé no indivíduo uma capacidade de conhecimento incondicionada, assim como a convicção de que nenhum ser cognoscente poderia alguma vez ir mais longe; logo a obrigação para toda a extensão dos seres cognoscentes. A relação suprime o pathos da crença, a limitação ao humano, pela aceitação céptica de que talvez todos nós laborem um erro¹⁴.

¹¹ Poderia distinguir aqui conhecimento e pensamento, pois enquanto conhecer está ligado à repetição, reconhecimento, memorização, o pensamento é uma ultrapassagem da repetição. O pensar está conectado com o desconhecer, com o inovar e com o criar.

¹² Nietzsche, *O livro do filósofo*, aforismo 180.

¹³ c.f. MACHADO, *Nietzsche e a verdade*, p.36.

¹⁴ op. cit., aforismo177.

No texto de 1873, Nietzsche ainda influenciado por Schopenhauer acreditava na possibilidade da contemplação de um estado sem desejo nem instinto no sujeito¹⁵. Contudo, diferente de Schopenhauer que anula toda vontade e os instintos humanos, o único instinto que Nietzsche nega é o instinto de crença no conhecimento (até porque este não é propriamente um instinto), pois tal crença causa no sujeito um efeito de prazer pela verdade, que o impede de fazer novas criações por estar aprisionado neste desejo de posse do verídico, fazendo o sujeito esquecer-se de coisas mais importantes. O instinto de conhecimento¹⁶ é criado pelo homem em prol de um instinto maior que é a sobrevivência, contudo aquele passa a ser considerado o mais importante dos impulsos, o que abafa os instintos primários do ser humano. Para Nietzsche o grande erro do homem foi de ter supervalorizado o conhecimento em detrimento dos instintos. O conhecimento é um valor dentre vários, e por isso mesmo não deve ser considerado como o mais importante deles, pois desta forma o homem põe em segundo plano a própria vida e seus instintos criativos, em prol de uma racionalidade também inventada.

2.1 Linguagem e esquecimento.

Para o jovem Nietzsche, a verdade surge, por causa de uma necessidade social do homem onde então, a linguagem é o primeiro passo para a sua obtenção. O homem, por causa de sua fragilidade dentro da natureza, precisava de início exprimir para outros homens suas necessidades e encontrou na palavra o meio mais apropriado para comunicar-se. Contudo, a palavra que era utilizada para fins de sobrevivência, pela sua repetição, tornou-se cristalizada com o passar do tempo, fazendo o sujeito acreditar e procurar uma verdade absoluta.

A verdade aparece como necessidade social: é depois aplicada a tudo por metástase, mesmo quando não é necessária. (...) Com a sociedade nasce a necessidade da veracidade, senão o homem vive em eternos véus. A fundação de Estados suscita a veracidade. O instinto de conhecimento é uma fonte moral.¹⁷

¹⁵ Este trecho não se encontra dentro do texto em questão, mas na parte dos esboços de *O livro do filósofo* de número 184.

¹⁶ O “instinto de conhecimento” é um instinto secundário, ou seja; uma “segunda natureza” inventada pelo sujeito e que é transformada em primordial, enquanto o instinto de sobrevivência é um instinto primário, pois está diretamente relacionado à vida.

¹⁷ Nietzsche, *O livro do filósofo*, aforismo 91.

Nietzsche questionará então: “As designações e as coisas se recobrem? É a linguagem a expressão adequada de todas as realidades?”¹⁸ A palavra não passa de uma estimulação nervosa traduzida num som, mas o grande equívoco do homem é que este a partir de um estímulo deduz uma causa exterior a ele. Portanto, o homem acredita que as palavras e as coisas estão estritamente ligadas entre si, logo este se esquece que a linguagem é apenas um estímulo subjetivo que não tem nada de comum com o mundo exterior.

Nietzsche, neste ponto do texto, abordará a questão da linguagem na criação da verdade, realizando desta maneira uma gênese. Segundo ele, a linguagem foi criada para fins de sobrevivência. Com a repetição de um determinado som para uma determinada coisa, acabou-se criando as palavras que representam a “essência da coisa”, aquilo que lhe dá sentido. Contudo esse processo de cristalização da palavra não se deve somente à repetição sonora, mas também ao esquecimento, pois este faz com que o homem não se lembre da criação aleatória da linguagem. Assim a palavra não passa de uma estimulação nervosa instintiva que se traduz numa imagem, para depois se expressar num som. Estas passagens que se dão de uma esfera figurativa à outra sonora são completamente distintas, o que existe são saltos: o primeiro salto é do exterior que toca os sentidos do homem, os sentidos então tocam a consciência e tornam-se imagens, que, por sua vez, serão transformadas num som. É a partir deste esquema que o homem acredita saber algo sobre o mundo exterior; coloca-se assim a seguinte questão: mas será que existe uma adequação entre as palavras e as coisas?

O ser humano ao nomear utiliza-se de designações arbitrárias e subjetivas, logo se conclui que o critério de verdade vem dessa arbitrariedade e não da veracidade como gostaria o homem. Segundo Nietzsche o que existe é um jogo de metáforas ousadas (entenda-se metáfora por a transposição de uma esfera para outra totalmente diferente que se dá no processo de linguagem do homem estabelecido acima). Será deste caráter ilusório e subjetivo da palavra que o conhecimento extrairá a sua força.

Acreditamos saber algo das coisas mesmas, se falamos de árvores, cores, neve e flores e, no entanto, não possuímos nada mais do que metáforas das coisas que de nenhum modo correspondem às entidades de origem. (...), assim se

¹⁸ Nietzsche, *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, p. 55.

comporta o enigmático X da coisa em si¹⁹, uma vez como estímulo nervoso, em seguida como imagem, enfim como som. Em todo caso, portanto, não é logicamente que ocorre a gênese da linguagem e o material inteiro no qual e com o qual mais tarde o homem da verdade, o pesquisador, o filósofo trabalha e constrói, provém, se não de Cucolândia das nuvens, em todo caso não é da essência das coisas.²⁰

Ao conceituar o homem fica mais distante ainda da “verdade”, pois o conceito é uma recordação de uma experiência subjetiva, individualizada e única, na qual as experiências que são mais ou menos análogas tornam-se idênticas ao tornarem-se conceito. Portanto conceituar é esquecer das características individuais de cada coisa, aquilo que diferencia, por exemplo, uma folha de outra folha. Assim, ao contrário do que se pensa, o conhecimento não parte de uma racionalidade pura, mas do inconsciente e do arbitrário.

Toda palavra torna-se logo conceito justamente quando não deveria servir, como recordação, para a vivência primitiva, completamente individualizada e única a qual deve o seu surgimento, mas ao mesmo tempo tem de convir a um sem-número de casos, mais ou menos semelhantes, isto é, tomados rigorosamente, nunca iguais, portanto, a casos claramente desiguais. Todo conceito nasce por igualação do não igual.²¹

Nietzsche distingue os conceitos concretos que são a relação entre palavra e coisa, dos conceitos abstratos como a justiça, por exemplo. O processo de conceituar nos dois casos indicados são de mesma natureza: o esquecimento. Porém, no segundo caso o que será esquecido é de que uma ação nunca será igual à outra, existindo diferentes motivos, meios e fins para cada ação particular. Será a partir do esquecimento dessa diferença que será instaurado na sociedade a moralidade.

Nietzsche faz então, uma interpretação da moralidade, através do sentido extramoral que se caracteriza pela intencionalidade das ações humanas. Portanto com a criação da verdade a sociedade passará a obrigar as pessoas a utilizarem as designações corretas para cada coisa, o que acaba por despertar uma tendência moral para a verdade. Impõe-se então a necessidade da veracidade:

(...) dizer a verdade, isto é, de usar as metáforas usuais, portanto, expresso moralmente: da obrigação de mentir segundo uma convenção sólida, de mentir

¹⁹ Nietzsche aqui se refere ao filósofo Kant.

²⁰ Nietzsche, *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, p.56.

²¹ *Ibid.*, p. 56.

em rebanho, em um estilo obrigatório para todos. Ora o homem se esquece sem dúvida que é assim que se passa com ele; mente, pois da maneira designada, inconscientemente e segundo hábitos seculares – e, justamente *por essa inconsciência*, justamente por esse esquecimento, chega ao sentimento de verdade²².

Com isso aparecerá o primeiro contraste entre a verdade e a mentira dentro da sociedade, onde o mentiroso será aquele que tira proveito para si próprio causando prejuízo aos outros, ao utilizar-se de designações inválidas da linguagem. Portanto não é tanto pelo fato do engano e do erro que o homem condena a mentira, mas sim pelos prejuízos que esta pode causar a ele.

No texto *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral* existem duas articulações da verdade: a primeira se dá através do conhecimento científico (que não passa de uma verdade indiferente para o homem), enquanto a segunda investiga a verdade de um ponto de vista extra-moral, onde o objetivo do homem seria não levar prejuízos em relação a uma mentira (ou de tirar proveito de uma verdade). Portanto uma mentira seria condenável quando esta fosse prejudicial aos interesses de alguém, contudo se esta não trouxesse dano a ninguém, ela poderia até tornar-se uma verdade. Assim, através do esquecimento das diferenças o homem passou a classificar as coisas e as pessoas dentro do mundo, em gêneros, espécies, qualidades,...., porém o autor acrescenta:

(...) até mesmo o conceito, ósseo e octogonal como um dado e tão fácil de deslocar quanto este, é somente como o *resíduo de uma metáfora*, e que a ilusão da transposição artificial de um estímulo nervoso em imagens, se não é a mãe, é pelo menos a avó de todo e qualquer conceito²³.

O homem então ao conceituar está reduzindo metáforas (que são intuitivas) a um simples esquema, isto é: estão transformado as imagens criadas dentro de si em conceitos, “ao conceito corresponde primeiramente a imagem, as imagens são pensamentos originais, quer dizer, as superfícies das coisas concentradas no espelho do olho”²⁴, portanto, ao contrário do que o sujeito imagina, o conceito não exprime uma essência das coisas, mas apenas reflete imagens das coisas fixadas em nossa memória. Para Nietzsche, o ato de conceituar é a grande diferença do homem para o animal.

²² Nietzsche, *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, p. 57.

²³ Ibid., p. 57.

²⁴ Nietzsche, *O livro do filósofo*, aforismo 54.

Pode-se muito bem, aqui, admirar o homem como um poderoso gênio construtivo, o qual consegue erigir sobre fundamentos móveis e como sobre água corrente um domo conceitual e infinitamente complicado: sem dúvida, para encontrar apoio sobre tais fundamentos, tem que ser uma construção como que de fios de aranha, tênue a ponto de não ser carregada pelas ondas, firme a ponto de não ser despedaçada pelo sopro de cada vento.²⁵

Observar-se quer no trecho acima, Nietzsche utiliza-se de várias metáforas no texto de 1873. Ao comparar o homem com a aranha, por exemplo, o autor expressa a semelhança do ser humano com este inseto, que constrói seu habitat com a teia, que é fabricada de modo autônomo pelo aracnídeo. A grande fabricação, no caso do homem, seria o próprio conceito que é extraído estritamente dele (e sendo assim é totalmente subjetivo). Posteriormente, esta criação é esquecida pelo intelecto. Percebe-se aqui o caráter autodestruidor do texto de Nietzsche, pois se na primeira parte o homem é igualado a qualquer outro animal no mundo (como a aranha), ao mesmo tempo ele também se diferencia do animal, por produzir conceitos, conhecimento e “verdades”, efeitos do caráter metafórico e impróprio da linguagem.

2.2 Criação e metáfora.

As verdades produzidas pelo ser humano são de caráter puramente fenomênico, portanto, são ações vindas do mundo exterior, que afetam o homem e que este pensa ser a própria realidade. Ao contrário desta concepção Nietzsche afirma que esta “realidade” conhecida por nós é condicionada pelo nosso mundo interior e sendo assim o que se torna consciente para o homem sobre o exterior, não corresponde realmente ao que se dá nele. Estar consciente é buscar causas quando um efeito é produzido. Portanto colocar causa nas ações é característica do homem e que só existe para ele, não tendo nenhuma finalidade no mundo a não ser sua própria proteção. Segundo Nietzsche, esta inversão de causa e efeito seria característica da figura de linguagem que chamamos de metonímia. Conceitos abstratos como o de justiça e de bem seriam deduzidos a partir de efeitos externos e aleatórios. Tais efeitos afetariam a consciência, que acabaria por associar várias ações diferentes numa mesma palavra (bem, justiça,...) Assim ao generalizar

²⁵ Nietzsche, *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, p. 58.

vários atos diferentes em um conceito, o homem acabou por restringir e moralizar as próprias ações. Desta maneira um conceito abstrato como o de justiça tornou-se a causa do próprio agir. Para Nietzsche um efeito é transformado em causa pelo homem, pois este já não consegue se lembrar de que a causa é somente um fenômeno da consciência e que, desta forma, ela só pode ser ilusória, isto é: um tropo de linguagem (que neste caso é a metonímia). O “mundo exterior” conhecido pelo homem é projetado por este está ligado ao mundo das causas e aos seus erros (como a memória, por exemplo), pois toda causa é imaginada e perseguida pela consciência. A linguagem então é o que possibilita o homem “compreender o mundo exterior”. O homem assim passa a ter consciência de si como um animal social que precisa dos seus semelhantes para sobreviver dentro da natureza. Portanto, a consciência não se encontra na natureza individual do homem, mas é só por causa da comunidade e do rebanho que ela existe. Para Nietzsche todos os atos do sujeito são singulares, porém somente no momento em que estes ainda não foram transcritos para a consciência. O homem então conceitua e cria um mundo de leis, de delimitações, de castas, que se contrapõe ao mundo intuitivo, como sendo o mais estável, o verdadeiro, o mais conhecido e sendo assim como mundo regulador e imperativo. O homem “coloca agora o seu agir como ser ‘racional’ sob a regência das abstrações; não suporta mais ser arrastado pelas impressões súbitas, pelas intuições, universaliza antes todas essas impressões em conceitos mais descoloridos, mais frios, para atrelar a eles o carro de seu viver e agir”²⁶. Todavia, a original posição relativa às coisas é ilógica, o mundo exterior é ilógico, mas o homem acredita na lógica e se esquece que o próprio raciocínio lógico aparece a partir do ilógico, da metáfora. Para o autor toda a linguagem é imprópria (tropos). A língua é assim de origem arbitrária, portanto ilógica e inconsciente. Assim a força do conhecimento está justamente neste caráter ilógico em que se fundamenta todo o saber. É somente a partir do esquecimento deste caráter irracional e arbitrário da linguagem que o homem acredita em um conhecimento verdadeiro. Contudo, ao mesmo tempo em que o esquecimento petrifica certas noções, ele também as desmascara, pois atribuindo ao esquecimento a origem do mito do conhecimento, acaba-se evidenciando o caráter inconsciente do saber. O esquecimento tem um papel paradoxal, pois; se

²⁶ Nietzsche, *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, p. 57.

por um lado, ele cristaliza a metáfora construindo um saber, uma verdade; por outro, o conhecimento por ter sido construído a partir de uma determinada dose de esquecimento tem como característica a ilusão e o inconsciente, portanto a razão também tem o mesmo caráter.

A lógica não é mais do que a escravatura nos laços da linguagem. Esta possui, contudo, um elemento, ilógico, a metáfora, etc. A primeira força opera a identificação do não-idêntico, é pois um efeito da imaginação. É aí que assenta a existência de conceitos, de formas, etc²⁷.

Não existe um sujeito puro do conhecimento, todo conhecimento é impuro e mantém uma relação de interesse do homem perante o desconhecido. Com a linguagem nada se sabe sobre o mundo exterior, a não ser metáforas das coisas. Portanto a verdade consiste em utilizar cada metáfora corretamente. “Ser verdadeiro, isto é, utilizar as metáforas usuais, portanto, expresso de uma maneira moral da obrigação de mentir segundo uma convenção estabelecida, de mentir de um modo gregário, num modo vincutivo para todos”²⁸, ou seja; “por natureza o homem não existe para o conhecimento – a veracidade (e a metáfora) produziu a propensão para a verdade. Assim um fenômeno moral, esteticamente generalizado, dá o instinto intelectual.”²⁹ O homem, portanto, através da linguagem e dos conceitos acredita saber algo sobre o mundo e passa a crer na lógica, na relação causa e efeito, nas formas, no ser, no objeto, porém “a natureza não conhece nenhuma forma, nenhuma grandeza, mas só para aquele que conhece é que as coisas se apresentam com esta grandeza ou aquela pequenez”³⁰. Portanto, “não podemos ter a representação das coisas como elas são, pois justamente não devíamos pensar”³¹, conclui Nietzsche.

O homem a princípio fala através de metáforas intuitivas que são a subjetivação artística do mundo, pois uma metáfora nunca será igual à outra. Foi somente através do esquecimento deste mundo primitivo de metáforas, que o homem pôde conceituar tudo e criar a verdade, que, por sua vez, é um jogo de repetição das metáforas mais usuais da língua que, posteriormente, darão a forma

²⁷ Nietzsche, *O livro do filósofo*, aforismo 177.

²⁸ Nietzsche, *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, parte I.

²⁹ op. cit., aforismo 130.

³⁰ Ibid., aforismo 123.

³¹ Ibid., aforismo 121.

de cada conceito. Este processo de repetição das mesmas metáforas é responsável pela criação de uma “essência” para as coisas e para o mundo (“a verdade em si”).

(...) o homem se esquece de si enquanto sujeito, e enquanto *sujeito criador e artista*, somente desta forma, vive ele com algum descanso, segurança e coerência. Se ele pudesse sair um instante apenas dos muros da prisão dessa crença desapareceria imediatamente a sua autoconfiança³².

Foi através do esquecimento do mundo primitivo da metáfora e da função original do intelecto (que é a dissimulação) que o homem pôde chegar à verdade. Com essa afirmação o texto apresenta a seguinte questão: se a função do intelecto é dissimular, na realidade o que existe é uma eterna atuação do homem diante do mundo. Desta forma quando o homem se esquece da função originária do intelecto, ele também está esquecendo que originalmente ele é um artista, um ser inventivo e criador, pois ao fingir diante da natureza constrói uma nova dimensão do mundo. O homem vive num paradoxo, pois ao mesmo tempo em que ele não se lembra deste seu caráter artístico, é justamente por este esquecimento de que ele é um ser inventivo que ele pôde criar conceitos, verdades e conhecimentos sobre o mundo.

(...) se, porém, a mesma imagem for milhões de vezes produzida e legada através de várias gerações e que aparece ao conjunto da humanidade sempre na seqüência do mesmo motivo, acaba por adquirir para o homem o mesmo significado como se este significado fosse a imagem única e necessária e como se essa relação entre o estímulo nervoso inicial e a imagem produzida fosse uma rigorosa relação de causalidade; tal como um sonho, eternamente repetido, seria sentido inegavelmente como a realidade em absoluto³³.

O homem ao esquecer da função original da metáfora como uma transposição artística intuitiva, se esquece também de sua função primeira que é a de criador e artista. Pois, segundo Nietzsche, a relação sujeito-objeto ao contrário do que o ser humano imagina é uma relação estética que, conseqüentemente, não parte do racional. Contudo, uma das maiores criações artísticas do homem foi “o conhecimento verdadeiro” que não poderia ter sido constituído sem o esquecimento. A verdade, por exemplo, só pôde ser construída com uma boa dose de esquecimento, porém não é só o esquecimento que cristaliza as metáforas, a

³² Nietzsche, *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, parte I.

³³ *Ibid.*, p. 59.

memória também contribui para isto, pois sem uma boa repetição e rememoração conceitual não se teria o conhecimento. Porém, somente esquecendo-se novamente é que o homem pode trazer as metáforas de volta à vida. Para criar novas possibilidades de viver o sujeito precisaria primeiro lembrar-se de que ele é um inventor de conceitos e depois se esquecer desta característica. O esquecimento é capaz de transpor as barreiras da racionalidade, pois ao mesmo tempo em que cristaliza as criações, ele também possibilita o próprio ato criativo.

Nietzsche na segunda parte do texto de 1873 muda completamente a forma de escrita ao falar das metáforas³⁴. Se na primeira parte do texto a metáfora tem um papel negativo, pois os conceitos não passariam de metáforas empalidecidas e cristalizadas pela sua repetição, na segunda parte o autor joga com as metáforas renovando-as. Assim Nietzsche resgata o caráter fundamental de toda metáfora (que é a criação de novas possibilidades de expressão), portanto sua finalidade é problematizar a questão da tensão que existe no homem moderno.

Apesar de o homem ter nos conceitos a sua fortaleza diante do mundo, este procura novas transposições metafóricas através da arte. “No fundo, o homem vigil só tem certeza de estar desperto devido à teia dos conceitos sólida e regular; precisamente por isso cai às vezes na crença de que está a sonhar quando esta teia de conceitos é ocasionalmente rasgada pela arte”³⁵. Nietzsche contrapõe o homem moderno aos antigos homens gregos utilizando-os como um elemento crítico da modernidade. Na Grécia antiga, homem e mito estavam profundamente ligados entre si “(...) então tudo é possível como no sonho, e a natureza inteira enleia o homem, como se ela só fosse um jogo de máscaras dos deuses que, por brincadeira, gozam o homem sob todas as formas”³⁶. Nos gregos, portanto, não existia distinção entre o real e o artístico, um fazia parte do outro, eles sabiam conviver com a aparência e a ilusão. O homem moderno é guiado somente pela razão e sendo assim, ao se deparar com uma obra de arte tende a achar que está sonhando, porque este só tem consciência da arte a partir de suas construções conceituais. Tais questões farão Nietzsche chegar a seguinte conclusão: existe no ser humano uma tendência para o engano, pois este cria obras de arte a fim de libertar o intelecto, nem que seja por instantes, do seu columbário de conceitos.

³⁴ Para mais ver Sarah Kofman “Nietzsche et la métaphore”.

³⁵ Nietzsche, *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, parte II.

³⁶ *Ibid.*, parte II.

Não há caminho regular que leve destas intuições para a terra dos esquemas fantásticos, as abstrações; a palavra não é feita para elas, o homem emudece ao vê-las ou fala em metáforas proibidas e construções de conceitos inauditas para corresponder pelo menos de modo criativo a impressão da vigorosa intuição presente pela destruição e pelo troçar dos velhos limites dos conceitos.³⁷

Segundo Nietzsche, será através da arte que o intelecto irá liberta-se da prisão dos conceitos e reencontrar a sua função, isto é; ele não servirá mais simplesmente como o caminho de conservação do homem na existência, “(...) tornou-se agora dono e pode afastar a expressão de indigência”³⁸.

O autor trata no texto *Sobre a verdade e a mentira*, do caminho que o intelecto pode percorrer para libertar-se do antropomorfismo. Quando o intelecto brinca com o edifício de conceitos, faz as mais audaciosas imagens a partir daquele. Com a libertação da consciência pela arte, este junta o que nos conceitos se encontravam mais separados e com o que é mais semelhante faz o oposto. Liberando o intelecto de seu calabouço lógico o que passa a existir é uma constante criação da imaginação. Segundo Nietzsche, pensar é discernir imagens refletidas, ou seja; o intelecto é o espelho do olho, ele capta diferentes imagens do mundo, podendo ordená-las pelas suas semelhanças, transformando-as em conceitos, ou utilizando-as para criar novas formas de pensamento através da imaginação, dando origem a uma obra de arte.

O intelecto, esse mestre da dissimulação, permanece tanto tempo livre e isento da sua normal servidão quanto pode enganar sem prejudicar e celebra então as suas Saturnais. Jamais é tão exuberante, tão rico, tão orgulhoso, tão ágil e audaz; possuído de prazer criativo, mistura as metáforas e remove os pétreos limites das abstrações, de modo a designar, por exemplo, o rio como a via móvel que leva o homem ao ponto aonde ele normalmente vai a pé.³⁹

No texto Nietzsche contrapõe o homem racional ao homem intuitivo⁴⁰, onde o primeiro é aquele que tem pleno controle de suas emoções, enquanto o outro é todo impulso, pulsão de vida. Podemos associar estes dois tipos de

³⁷ Nietzsche, *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, parte II.

³⁸ Ibid., parte II.

³⁹ Ibid., parte II.

⁴⁰ Sobre os dois tipos de homem: “não se trata de aquele pertencer ao primeiro tempo genético [metáfora] e este ao segundo [conceito], pois que ambos não existem senão após a dupla gênese, mas do homem intuitivo encontrar um terreno metafórico, libertando-se da prisão conceitual; mas um tal terreno metafórico só é possível devido ao facto de a linguagem ser originalmente metafórica como a Gênese estabeleceu”. (BELLO, *leituras de Aristóteles e Nietzsche, a poética, sobre a verdade e a mentira* p. 268).

homens ao cientista e ao artista; enquanto o homem intuitivo usa a arte para a sua vida, trazendo para si a felicidade; o homem racional acredita na ciência, na lógica, na moral, enfim em todas as construções do intelecto, pois desta maneira ele se protege contra o sofrimento e a infelicidade.

Contudo esses dois tipos distintos de homens têm um objetivo em comum que é o domínio da vida, a questão moral da felicidade. O homem racional sempre precisou subjugar a natureza para não sentir que sua existência estava sendo ameaçada, enquanto o homem intuitivo deixa-se levar pelos seus instintos e emoções, encontrando na arte uma outra forma de dominar a vida. O artista, por sua vez, procura dominar a vida afirmando e criando, enquanto o homem racional dá sentido à sua existência de forma negativa, pela repetição do conhecido, colocando desta forma, a felicidade junto com a temeridade de sofrer.

Ambos desejam dominar a vida: este na medida em que sabe responder às principais necessidades como prevenção, prudência, método, aquele enquanto “herói felicíssimo” que não vê as necessidades e apenas considera como real a vida dissimulada sob uma aparência de beleza.⁴¹

Portanto o homem intuitivo será aquele que frente às emoções deixa-se levar, vivendo-as intensamente, seja no sofrimento ou na alegria, pois ele utiliza-se do esquecimento de modo positivo, ou seja: como uma maneira de libertar-se dos conceitos. De outro lado o homem racional contém-se o tempo inteiro frente às emoções, pois só desta forma acredita ser virtuoso. Ele não pode ser levado pelas emoções porque sua memória poderia condená-lo mais adiante por “deixar-se levar”. O homem racional e o homem intuitivo seguem caminhos distintos, porém visando um mesmo objetivo: o domínio da vida. Para Nietzsche qualquer um dos dois tipos de homem é irracional, porém a modernidade precisa mais do homem intuitivo do que do estóico, pois a sociedade moderna não sabe lidar com o desconhecido, com o sofrimento e com a dor.

Nietzsche faz uma crítica à superestima dada pelo homem ao intelecto, porém o autor não pretende com isso o seu aniquilamento. A questão que Nietzsche propõe é acima de tudo a da vida, ou seja: como o intelecto pode ser útil à vida? Segundo o filósofo, o conhecimento não deve ser a única coisa que o ser humano deve valorizar. O homem não pode deixar de lado seu caráter de artista e

⁴¹ Nietzsche, *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, parte II.

criador, pois é através da arte que o intelecto pode libertar-se da pura memorização e assumir uma postura de criação artística ao dosar memória e esquecimento. A memória, de um lado, pode nos fazer lembrar que em nossa origem somos seres artísticos; já o esquecimento é o único que nos permite, nos tempos modernos e “pós-modernos”, fazer com que nos livremos de coisas que conhecemos e que são inúteis ou até mesmo nocíveis à vida. O papel do filósofo neste caso seria o de um médico que sabe dosar o “instinto de conhecimento”, como os gregos fizeram:

O filósofo do conhecimento trágico: domina o instinto desenfreado de conhecimento, mas não por uma nova metafísica. Não estabelece nenhuma nova crença. Ele sente tragicamente que lhe foi retirado o terreno da metafísica, e contudo, o turbilhão emaranhado das ciências não o consegue satisfazer. Trabalha para a edificação de uma nova vida: restitui os direitos à arte⁴².

Ao opor o homem racional ao homem intuitivo Nietzsche está mais uma vez mostrando que a princípio o homem age na natureza e cria metáforas por intuição, porém o esquecimento dessa condição humana faz com que acreditemos que toda essa criação é algo “racional”, como se o racional não aparecesse primeiramente através de uma intuição e de um estímulo inconsciente (características do esquecimento) para a vida. “O instinto de conhecimento é pois dominado pela imaginação na civilização de um povo”⁴³. Portanto a linguagem não é uma relação com o mundo, mas relações humanas que transformam metáforas intuitivas em metáforas conceituais. Para Nietzsche o mais interessante da linguagem é que esta foi criada, e mesmo tendo esse caráter de ilusão, ela pode causar um efeito; como no caso da ciência e da moral. Assim o homem precisa das ilusões para viver e estas só existem porque o ser humano imagina e esquece que imaginou. O homem não deve assim negar tudo o que até agora construiu, mas deve saber esquecer para criar e lembrar de que criou, ou seja; lembrar de que no fundo é artista e que por isso não existe nada mais “verdadeiro” do que o jogo do engano.

Nietzsche na primeira fase de seu pensamento aborda o tema da metáfora em muitas obras, porém posteriormente a metáfora acaba saindo de cena enquanto discussão filosófica, contudo ele nunca abrirá mão delas para compor seu estilo de

⁴² Nietzsche, *O livro do filósofo*, aforismo 37.

⁴³ *Ibid.*, aforismo 61.

escrita. Já no texto aqui interpretado (*Sobre a verdade e a mentira*), ele utiliza-se de várias metáforas, para compor os seus argumentos sobre o homem racional e o homem intuitivo. Ao utilizar tal forma de escrita, o autor está mais uma vez afirmando a linguagem como metafórica e artística, afirmando o caráter impróprio da linguagem.

In summa: os tropos não acontecem às palavras de tempos em tempos, mas são a sua natureza mais própria. Em nenhum caso se pode falar de uma “significação própria” que só seria transposta em casos particulares.⁴⁴

Assim a prioridade dada por Nietzsche à metáfora neste texto desubstancializa o antropomorfismo cego do homem, destruindo a sua identidade pela impropriedade da linguagem. Porém o texto ao priorizar a metáfora centraliza a questão na linguagem restituindo de alguma forma a identidade do sujeito através do caráter artístico desta criação, como afirma Paul de Man: “transformar a linguagem que nega o eu em um centro resgata o eu lingüisticamente, ao mesmo tempo em que afirma sua insignificância, sua vacuidade como mera figura de linguagem. Ele só pode persistir como eu se for deslocado para o interior do texto que o nega⁴⁵”. Sobre a verdade e a mentira é um texto retórico, paradoxal, onde o autor ao mesmo tempo em que desvela, vela, ao mesmo tempo em que constrói, destrói. Esta característica do texto de Nietzsche insere no próprio texto os tropos como o próprio da linguagem. Este caráter nos faz deixar a questão da verdade em aberto para outras interpretações.

⁴⁴ Nietzsche, *O livro do filósofo*, p. 48.

⁴⁵ De Man, *Alegorias da leitura*, p. 134.